

Artes de conviver e evangelizar: reflexões sobre a evangelização da juventude hoje

Elson da Silva Pereira Brasil¹

Resumo: Em nossos dias a evangelização da Juventude é um tema urgente na pastoral. O presente trabalho reflete sobre a arte da convivência como perspectiva para a evangelização da juventude em nossos dias, também aponta para as principais reflexões acerca do chamado à promoção de uma Igreja jovem já no presente. Para tanto, levamos em conta as principais contribuições da Teologia pastoral e do Magistério sobre o tema, principalmente as contribuições do Concílio Vaticano II. O Papa Francisco na Exortação Apostólica *Cristus Vivit* (2019) chama atenção da igreja à evangelizar a juventude pautando-se por novos paradigmas. Também o *Documento de Aparecida* (2007) já ressalta a importância da temática da evangelização da juventude, que já se fazia presente como preocupação da CNBB no documento *85-Evangelização da juventude: desafios e perspectivas pastorais* (2007). Metodologicamente o trabalho parte da reflexão bibliográfica, assim como, da experiência pastoral junto a juventude, para refletir à luz da Teologia Pastoral. A reflexão não ignora alguns aspectos sociais que envolvem o ser jovem em nossos dias, não há como está com a juventude sem considerar seus modos de vida. O contexto de uma sociedade pós-moderna chama atenção, por ser esse um sinal dos tempos, o qual urge ler com profunda sensibilidade. A transdisciplinaridade auxilia na compreensão do mundo onde fazemos pastoral. Entre os planos pastorais ou documentos oficiais e a ação pastoral junto ao jovem existem cotidianamente ações cotidianas. Inspirados nos escritos de Certeau (2014) consideramos essas ações que se dão no âmbito da convivência com os jovens como que artes da convivência. A arte da convivência se mostra hoje um dos principais caminhos para se chegar à juventude. Em tempos de profundas crises existenciais e vida virtual, a presença do outro na caminhada pastoral se faz necessária e é uma forma de seguir a pedagogia de Jesus que caminhou junto com os seus. A arte da convivência transforma os envolvidos em amigos e rompe com uma relação hierárquica vazia. Por fim, esse trabalho a arte do primeiro passo para quem pretende enveredar na inebriante e prazerosa pesquisa em Teologia Pastoral.

Palavras-chave: Teologia Pastoral; Juventude; Magistério

1 O QUE ESPERAR?

O que esperar de um trabalho de Teologia Pastoral elaborado por um aluno do primeiro período do curso de Teologia? talvez alguns nem se dêem ao trabalho de ler tal proposta. Mesmo assim a persistência e ousadia, resquícios dos últimos anos de juventude que nos restam, impelem a refletir no intuito de amadurecer e, quem sabe, contribuir com algo de novo sobre o assunto.

¹ Possui graduação em História (Bacharelado) pela Universidade Federal de Campina Grande (2014). Graduando em Teologia Pela PUC Minas desde 2019. Ainda, possui curso livre em Filosofia pelo Centro de Estudos Acadêmicos do Seminário São João Maria Vianney (2018). Desde 2015 é seminarista da Diocese de Patos-PB. E-mail elsonspb@gmail.com

Nos pautamos pela experiência de fé junto aos jovens, na iluminação de alguns excertos das sagradas escrituras, no diálogo com alguns pensadores que refletem a pastoral para tecer algumas considerações acerca da evangelização da juventude como uma arte de conviver, e como essa arte da convivência pode ser um caminho para a ação pastoral junto a juventude em alguns contextos no mundo de hoje. Todavia, exclua-se qualquer compreensão precipitada de encontrar aqui um manual ou uma resposta para todos os problemas da evangelização da juventude hoje.

Por ser a Teologia Pastoral uma área da Teologia preocupada com a vivência pastoral como “conjunto das atividades com as quais a igreja se realiza, com a finalidade de definir como essas atividades deveriam ser desenvolvidas” dentro de um contexto eclesial e social (SZENTMÁRTONI, 1999, P. 11), ela abrange também a reflexão acerca da evangelização da juventude.

Em nossos dias o tema juventude está sendo razão de muitos debates. Na Igreja Católica o recente Sínodo para a Juventude, realizado em outubro 2018, trouxe novamente² os jovens para o centro das reflexões. O Papa Francisco, ouvindo os jovens e os padres sinodais ofereceu-nos, em março de 2019, a Exortação apostólica pós-sinodal *Cristus Vivit*. Mas, ainda permanece a dificuldade em compreender o que se passa com a juventude e como torná-los protagonistas na sociedade e na Igreja, para não assistirmos a Igreja caducar, ou vê-los perdendo o sentido da vida por falta de sonhos, de um norte ou mesmo por não terem esperança e fé na vida.

O cenário atual é de profundas crises e necessita de muita esperança. Vivemos tempos de mudança de época³, na qual os valores e as instituições são constantemente re-avaliados e modificados. Tudo mundo muito rápido. Nesse cenário, bem problematizado pelas ciências humanas de nossos dias, pensamos a ação pastoral junto aos jovens.

2 EVANGELIZAÇÃO E JUVENTUDE(S)

Consideramos a Teologia Pastoral como a que reflete a ação da Igreja, pois “a ação dá o que pensar, uma vez que não se constitui em um mero lugar de aterrissagem de uma ortodoxia previamente estabelecida, mas fonte criadora de idéias” (BRIGHENTI, 2011, p. 61), refletir a ação pastoral direcionada à juventude é também discutir a ação da Igreja. Principalmente por ser essa faixa etária⁴ uma das preocupações da ação evangelizadora de nossos dias⁵.

Podemos nos perguntar: o que é a juventude? Primeiramente dizemos as conceituações são insuficientes para expressar a complexidade do conceito. Mas o conceito não restringe-se

2 Embora seja o primeiro sínodo sobre os jovens, em outros documentos os jovens já foram razão de reflexões entre o episcopado, por exemplo a 44ª Assembléia da CNBB de 2006.

3 Cf. CELAM, Documento de Aparecida, 2007, n. 44.

4 Tomando como base as referências do Sínodo, os jovens são aqueles entre 16-29 anos.

5 CNBB, Diretrizes gerais para a ação evangelizadora 2015-2019, n. 79.

uma massa uniforme classificada apenas por pertencerem a uma faixa etária, conforme o Papa Francisco:

A juventude não é algo que se possa analisar de forma abstrata. Na realidade, 'a juventude' não existe; o que há são jovens com as suas vidas concretas. No mundo atual, cheio de progresso, muitas destas vidas estão sujeitas ao sofrimento e à manipulação. (PAPA FRANCISCO, *Cristus Vivit* n. 71).

A juventude são os jovens, não uma entidade abstrata. Jovens são aqueles que quase não temos na Igreja, mas que povoam o outro lado da margem. Fazer uma Teologia pastoral pensando o desafio da evangelização da juventude é uma ação libertadora e transformadora no âmbito da pessoa: "Por aí começa a pastoral, ocupando-se da cada pessoa - homem e mulher -, em seu contexto sociocultural, para que se realize como ser humano, em uma comunidade, inserida no emaranhado das relações sociais" (BRIGHENTI, 2011, p. 156), em nossos dias se faz cada vez mais necessário refletir não apenas sobre homens e mulheres, mas, também, as particularidades sociais e de geração.

Quando falamos em Juventude temos entre os jovens: homens e mulheres, pobres e ricos, negros e brancos, um leque de categorias sociais. Mesmo assim, não se trata de fazer uma Teologia personalista ou individualista, mas corresponder ou expandir o modo de olhar para sociedade e a comunidade.

O tema evangelização merece uma reflexão de nosso parte. De acordo com Flrosistán (1999, p. 269-273) Evangelizar pode ser primariamente "anunciar e levar a cabo o evangelho ou a salvação de Jesus que se efetiva com a chega do Reino de Deus, Reino de Justiça", é anunciar um Deus Justiça que pede de nós atitudes que nos aproximem. Desde a *Evangelii Nuntiandi*, de Paulo VI, lançada em 1975, que o termo serve para designar a atividade missionária direcionada a cristãos e não-cristãos. Com a *Evangelii Gaudium*, de 2013, o Papa Francisco relaciona evangelização a uma atitude de "Igreja em saída", em direção aos que estão nas periferias reais e existenciais. Também é forte seu apelo ante os que se dizem de uma religião, mas não assumem a fé em seu ardor missionário.

A evangelização se inspira em três gestos de Jesus: caminhar, olhar a multidão, doar-se. Nos nossos dias a arte da convivência pauta-se pelos mesmo princípios⁶. Romper com os paradigmas de uma pastoral de manutenção, nos coloca diante da possibilidade de aderir a um modelo de Igreja em saída, caminhando no mundo, com a caminhada permite-se descobrir mais sobre a vida, arrisca-se mais, aprende mais, e anuncia com gestos e palavras sua experiência com Jesus como fez a Samaritana (Cf. Jo, 4, 1-42). O olhar é a maturidade de saber o chão onde pisa. O olhar de Jesus pela multidão era de compaixão (Mt 9, 36), transformava o olhado e encoraja para seguir em frente. O olhar inspira a arte da ação, faz discernir como agir a partir do que se enxerga.

6 Cf. FLROSISTÁN, 1999, p. 271.

3 A ARTE DE ACOMPANHAR NA PASTORAL

O historiador e teólogo francês Michel de Certeau (1998) ressalta a importância de reconhecer e estudar as práticas ordinárias, “as maneiras de fazer cotidianas”, compreendidas como artes de fazer são os modos de agir, que cada comunidade e indivíduo traz. Uma arte de existir num mundo disciplinar e cheio de fardos que quase nunca poderão ser totalmente carregadas.

Compreendemos que o agir pastoral junto a juventude exige atenção às propostas evangélicas e eclesiais para a juventude e, procurar meios de anunciar e vivenciar juntos a pessoa anunciada (Jesus). Essa ação é, quase sempre, muito peculiar a cada situação paroquial e comunitária, nenhum grupo de jovens é igual. Isso exige de quem os acompanha um modo de agir particular a cada situação. A isso chamamos artes de conviver: o que está entre o proposto, ou planejado, e ação. Envolve contexto, escolha pessoal de cada um, amizade, e principalmente, adesão ao evangelho que não deixa cair nem no laxismo nem no rigorismo. Mas permite um acompanhamento “pessoa a pessoa” como pede o Papa⁷.

A pastoral tem muito de arte. Em sua base é “necessariamente, criatividade, condição para fazer história da salvação de Deus na história da humanidade” (BRIGHENTI, 2011, p. 67) essa criatividade é essencial na evangelização da juventude. Saliente-se que não se fala em uma criatividade vazia e individualista, mas uma valorosa atitude de inculturar o primeiro anúncio de modo a se fazer entender. Semelhante ao período patrístico no qual a ação pastoral era “pluricultural e tecedora de uma eclesiologia pluriforme” (BRIGHENTI, 2011, p. 67). Quem atua na pastoral deve voltar um pouco a essas origens, e ter um olhar que recria, que transforma, que ajuda a dar sentido a realidade, encorajando a mudá-la quando necessário.

A arte na pastoral é a dimensão livre e confiante na ação de Deus, é “a arte na pastoral que deixa Deus ser o Senhor da história, o verdadeiro piloto na condução da aventura da ação evangelizadora, continuidade da missão de seu próprio Filho, sob o dinamismo do Espírito vivificador” (BRIGHENTI, 2011, p. 68). Ser/existir no mundo de hoje é uma arte. Quem evangeliza sabendo disso permite-se reinventar-se⁸, sem fugir da reta obediência, no cotidiano pastoral.

A arte da convivência com os jovens exige algo comum a qualquer ação evangelizadora: o compromisso com o Senhor e o testemunho de tal opção (FLROSISTÁN, 1999, p. 271). Por exemplo: estar junto fazendo visitas missionárias, é muito mais eficaz que um sermão sobre missão. Se tratando de juventude, *está junto* é essencial. Mostrar como se faz não é um anúncio de si mesmo, mas o anúncio das maravilhas de Deus em cada um. A jovem Maria de Nazaré testemunha isso (Lc 1, 46-55). Acompanhar para ensinar será, também, aprender com eles.

7 Papa Francisco, *Cristus Vivit*, n. 218.

8 Aqui não se fala em subversão, ou revoluções dentro da instituição, mas em acompanhar com atenção, boa vontade e resignação criativa.

Não há receita pronta para estar junto de alguém ou de um grupo, principalmente se for um grupo de jovens. Só arriscando é que é possível algum resultado. Desde o Vaticano II que a Igreja faz esse exercício para aprender a se aproximar dos jovens.

4 PENSANDO A JUVENTUDE COM O MAGISTÉRIO

O Concílio Vaticano II pautou-se pelo diálogo com a modernidade, e pela atenção aos sinais dos tempos⁹. Dois documentos conciliares trazem diretamente na redação o vocábulo *Jovem* (s), na *Constituição Pastoral Gaudium et Spes*, o nº 6 aponta para o impacto das mudanças de valores sobre os jovens, e o nº 49 remete a instrução acerca do amor conjugal. Outro documento em que o vocábulo aparece é o Decreto *Apostolicam Actuositatem*, sobre o papel dos leigos, o nº 12 atribui aos jovens o papel de “apóstolos da juventude”, pois são eles chamados a evangelizar outros jovens. Mantendo-se em comunhão com o ensinamento dos bispos que conhecerão na Igreja e na família. Já um passo para reflexão sobre a temática. Desde o Concílio as discussões evoluíram.

A contribuição de Puebla, em 1979, foi marcante, colocava os jovens como opção fundamental. Reconhece seus valores e expressa uma estima por seu papel evangelizador.

A Igreja vê na juventude da América Latina um verdadeiro potencial e o futuro de sua evangelização. Por ser verdadeira dinamizadora do corpo social e especialmente do corpo eclesial, com vistas à sua missão evangelizadora no Continente (CELAM, *Conclusões de Puebla*, n. 1132).

As reflexões de Puebla foram de grande importância. Nas décadas posteriores os grupos de jovens se desenvolveram respeitando a diversidade dos carismas. Todavia ainda era necessário pensar como acompanhar os jovens já engajados na vida eclesial.

A conclusão de Aparecida, resultado da 5ª conferência do CELAM em 2007, retoma o tema do protagonismo dos cristãos como co-responsáveis na vida da comunidade¹⁰. O discípulo missionário aprende do Senhor e sai para anunciar a Boa Nova. As conclusões já apontam para a necessidade de acolher e dedicar uma atenção especial aos jovens. É preciso discernir a vocação dos jovens em uma pastoral que acompanhe seu processo de discernimento quanto ao seu lugar no mundo.

A pastoral vocacional, que é responsabilidade de todo o povo de Deus, começa na família e continua na comunidade cristã, deve dirigir-se às crianças e especialmente aos jovens para ajudá-los a descobrir o sentido da vida e o projeto que Deus tem para cada um, acompanhando-os em seu processo de discernimento (CELAM, *Conclusões de Aparecida*, n. 314).

9 JOÃO XXIII, *Humanae Salutis*, 1962, n. 4.

10 CELAM, *Conclusões de Aparecida*, 2017, n. 368.

O grande diferencial parece ser a iniciativa de acompanhar os jovens. Não necessariamente negando seu papel de evangelizadores, mas reconhecendo que é o momento de caminhar juntos, é a fase da aprendizagem (cf. Lc 2, 46-52; Mt 4, 19), de prestar um serviço a comunidade, e principalmente de aprender com a comunidade. A melhor forma de aprender é convivendo.

Um ano antes da Conferência de Aparecida os bispos do Brasil se reuniram, em 2006, para discutir a evangelização da juventude. Como resultado aprovaram o documento 85, *Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais*. Representa um grande avanço ao analisar o perfil da juventude em um contexto de modernidade e pós modernidade. Expõe os pressupostos para um real seguimento a Jesus, atrelando isso a missão de anunciar o Evangelho a outros jovens. Outro grande marco é a atenção à formação dos líderes que acompanham a juventude.

Também direciona uma atenção especial ao caráter da ação. As oito linhas de ações apresentadas no último capítulo buscam contemplar uma ação pastoral voltada para a juventude. A organização de instancias locais, diocesanas e paroquiais para refletir a evangelização da juventude representa um dos grandes marcos do documento. O documento vem consolidar o tema da juventude como um lugar teológico¹¹(MOTA, 2009, p, 242), fonte de reflexão e exigindo maior atenção dos que pensam sobre a ação pastoral na igreja em nossos dias¹².

Outros textos do Magistério nos últimos 50 anos podem servir como fonte de reflexão acerca da ação pastoral da Igreja junto a juventude; também as Jornadas Mundiais da Juventude provocam reflexão, assim como o Sínodo da Juventude de 2018¹³. Porém, optamos em aqui refletir sobre o mais recente documento do Papa Francisco para os Jovens¹⁴.

O Papa Francisco assinou em março de 2019 a Exortação Apostólica Pós-sinodal *Cristus Vivit* na qual expõe sua leitura acerca do tema da evangelização da juventude. Inicialmente contemplando Jesus e Maria como ícones de juventude, exorta os jovens a encontrar neles inspiração para não cair na desesperança. Com nove capítulos o documento busca inspirar a ação pastora junto aos jovens por meio do “anúncio pessoa a pessoa”, o que nos faz pensar em um ação artística da parte dos evangelizadores. O modelo do Papa é pertinente para nossos dias de cultura Plural¹⁵, pois não homogeneiza, mas ensina a acolher e dialogar.

11 Glaucio Luiz Mota (2009) faz uma análise mais precisa do referido documento, o que, por enquanto, não é o foco de nossa reflexão, ver referências completas na Bibliografia disponível no final deste texto.

12 Assim como os demais documentos do Magistério que remetem ao tema da juventude, este documento pode render longas reflexões teológicas, que levem em conta os avanços da ação pastoral sobre o tema da juventude assim com seus aspectos ainda irrealizados.

13 O sínodo da juventude realizado em 2018 legou-nos um rico acervo para reflexão teológica. O Documento final e a exortação apostólica produzidas nesse contexto trazem novos paradigmas para a reflexão acerca do acompanhamento pastoral da juventude.

14 Aqui não faremos uma análise direta do documento, mas levaremos em conta algumas contribuições no que diz respeito ao nosso tema inicial.

15 Cf. CERTEAU, Michel. A cultura no plural, Campinas-SP: Papirus, 1995.

Em *A pastoral dos jovens*, capítulo sete, percebe-se a sensibilidade pastoral do Papa. Com uma coragem profética Francisco acolhe muitas sugestões do Sínodo. Ouvindo os jovens e os bispos, convida a igreja a práticas pastorais plurais para uma juventude plural. A pastoral juvenil de Francisco faz uso das artes e está atenta aos sinais dos tempos. Não fica lamentando-se das quedas ou querendo produzir adultos prematuramente, pelo contrário, incentiva os jovens a experimentarem na vida e aprenderem até com as quedas:

Jovens, não renunciéis ao melhor da vossa juventude, não fiquéis a observar a vida da sacada. Não confundais a felicidade com um sofá nem passeis toda a vossa vida diante dum visor. E tão-pouco vos reduzais ao triste espetáculo dum veículo abandonado. Não sejais carros estacionados, mas deixai brotar os sonhos e tomai decisões. Ainda que vos enganeis, arriscaí. Não sobrevivais com a alma anestesada, nem olheis o mundo como se fôsseis turistas. Fazei-vos ouvir! Lançai fora os medos que vos paralisam, para não vos tornardes jovens mumificados. Vivei! Entregai-vos ao melhor da vida! Abri as portas da gaiola e saí a voar! Por favor, não vos aposenteis antes do tempo. (Papa Francisco, *Cristus Vivit*, n. 143).

Para o Papa anunciar a esperança que brota de Cristo aos jovens é o anúncio principal. Esperança é não desistir. O convite para continuar exige de quem convida um compromisso de caminheiro, que caminha e decide caminhando. Francisco parece resgatar algo fundamental do cristianismo dos primeiros séculos. Retoma a face materna da igreja¹⁶ quando apela para que seja uma comunidade que objetive testemunhar com a vida a fé proclamada em Jesus, assim como ensinar a palavra de Deus em todo seu ardor amoroso e salvífico de modo flexível e inculturado.

Para alcançar esse objetivo será preciso deixar espaço para a arte criar estratégias para viver o evangelho. Na ação pastoral os dilemas da juventude são muito mais diversos e exigentes. Urge um constante criar, recriar e até improvisar para que a arte de conviver e de fazer acontecer produza algum resultado.

5 ARTES DE CONVIVÊNCIA

O que um jovem que um dia foi evangelizado e hoje assume o papel de evangelizador pode trazer para a presente reflexão? Como respostas julgamos ter aprendido que nunca se está pronto, cada dia é uma oportunidade para viver o Evangelho e anunciá-los. Viver a Boa Nova aprendendo e ensinando é essencial para a Evangelização

Já o termo “evangelização” expressa a ideia de levar gratuitamente o Evangelho e estabelecer, com o interlocutor, uma relação dialógica,

16 Cf. BRIGHENTI, 2011, p. 22.

que pode redundar na conversão. Mas isso não depende do evangelizador. Seu papel é “dar de graça”. O que vem depois depende da liberdade do interlocutor e da graça de Deus. (BRIGHENTI, 2011, p. 87).

Como na parábola do semeador (Mc 4, 3-9) anunciar aos jovens é lançar a semente do Evangelho. Se não cuidar do terreno como um cuidadoso agricultor que conhece o terreno, a semente, o tempo e tudo mais que envolve a produção, podemos por tudo a perder. Saber principalmente, como Jesus na parábola, que nem todas as sementes produzirão de imediato. Evangelizar os jovens é um trabalho custoso e de longo prazo. Não adianta fazer um momento com os jovens e já querer que no outro domingo eles saiam as ruas anunciando o que não conheceram plenamente. Reclamar de sua falta de compromisso não é a saída também. São muitos terrenos, temos que esperar a semente germinar, a planta cresce e que chegue o tempo de colher. Isso demanda tempo e atenção.

A convivência sadia com a comunidade vai fazendo-os perceber o que é viver em comunidade¹⁷. Se houver unidade aprenderão unidade. Se for uma comunidade ranzinza, alguns que já pensam assim permanecerão, mas a maioria procurará uma experiência mais satisfatória. A performance da comunidade conta muito em nossos dias.

A ação surte mais efeito que as palavras. Não significa que a pregação perdeu sua importância, mas em uma sociedade de controle como a nossa em que somos observados constantemente ser percebido como alguém que vive o Evangelho é um diferencial com potencial evangelizador.

O Papa Francisco desde o início de seu pontificado exorta a Igreja a ser mais acolhedora. Vale lembrar que a Igreja somos todos nós. Não adianta um “cartaz de boas-vindas”, se permanecemos com caras de vinagre¹⁸. Temos de acolher de modo gratuito e sem proselitismos, como sinaliza o Papa Francisco, “não é necessário que alguém assuma completamente todos os ensinamentos da Igreja para que possa participar de algum de nossos espaços para jovens” (Papa Francisco, *Cristus Vivit*, n. 143).

O uso de expressões encorajadoras é essencial. Expressões como “quero te encorajar”, “juntos podemos”, “Tudo passa, só Deus não muda... Vamos tentar de novo?”, podem parecer muito banais, mas não são. Podem fazer toda a diferença, sinal de que acreditamos no potencial dos jovens e os apoiamos. Também é questão de humanidade. Uma geração ferida pelos erros precisa ouvir mais: “Acontece, todos erram. Vamos tentar de outra maneira?” Caso contrário, teremos jovens dependentes e medrosos, quando necessitamos de agentes emancipados e capazes de escrever e reescrever suas histórias à luz de Cristo.

Em tempos de profundas crises existenciais e vida virtual, a presença do outro na caminhada pastoral se faz necessária, e é uma forma de seguir a pedagogia de Jesus que caminhou junto, mas à frente dos seus (Cf. Jo 10, 4; Mt 16, 24). A arte da convivência transforma os

17 Cf. Documento final da XV assembléia do Sínodo dos bispos, n. 57.

18 Cf. Papa Francisco, *Evangeli Gaudium*, n. 85.

envolvidos em amigos e rompe com uma relação hierárquica vazia de sentido. Faz compreender as necessidades do outro, e tomar decisões mais sensíveis e inspiradas na misericórdia.

Criar um clima de amizade é gerar confiança. Jesus chama os discípulos de amigos (Cf. Jo 15, 15). Fazer-se amigo para ouvir a situação atual da juventude certamente abrirá o nosso horizonte para vivenciar as dimensões profética e celebrativa da pastoral de modo mais eficaz. Essa aproximação revelará os códigos, os signos, e os símbolos comuns aos universos juvenis e possibilitará uma pastoral litúrgica com linguagem mais clara e melhor celebrada, pois estará relacionada a vida dos que celebram¹⁹, e uma vez atenta aos sinais daquela realidade celebrada, anunciará o Reino de Deus.

CONCLUINDO UM PASSO DE UMA CAMINHADA INICIADA

O processo de assimilação da evangelização da juventude ainda não se concretizou. Talvez, falte uma compreensão da arte do agir na pastoral, essa arte que é pura 'convivência com'. Entre o proposto pela instituição religiosa e o acontecido, existe um modo de fazer 'artístico', particularmente valioso, próprio da relação "pessoa a pessoa", que anuncia Jesus aos jovens. Urge descobrir meios para tornar estes conhecedores da Palavra e iniciados na fé para ser o rosto jovem tão sonhado pela Teologia e pela Igreja desde o Vaticano II. Uma mudança não se dá do dia para a noite. É um processo dispendioso para quem acompanha.

Temos uma certeza: não adianta cobrar dos jovens um jeito adulto de ser, mas trazer seu rosto jovem para dentro da igreja, deixando-os amadurecer dentro da comunidade. Superar modelos obsoletos de pastoral exige dos líderes maior dedicação e mais tempo na convivência com os jovens. Essa convivência permite ensinar o que já sabemos e principalmente aprender como evangelizar de modo mais eficaz.

A convivência com a juventude e sua evangelização é um tema que desperta outras tantas reflexões. Concluímos, sem a pretensão de ter esgotado algum aspecto, e cientes de que o tema pode, e deve, ser refletido pela Teologia Pastoral.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA – Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: à inteligência da prática transformadora da fé : manual básico de Teologia Pastoral*. São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2006.

DE CERTEAU, Michel. *A invenção do cotidiano - 1. Artes de fazer*. 21. ed. – Petrópolis, RJ : Editora Vozes, 2014.

_____. *A cultura no plural*. 4a. ed. Campinas, SP : Papirus, 1995.

19 Cf. BRIGHENTI, 2011, p. 85-123.

CNBB. *Evangelização da Juventude – Desafios e perspectivas pastorais*. Coleção

Documentos da CNBB número 85. São Paulo: Paulinas, 2007.

CELAM. *Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2007.

CELAM. *Documentos do CELAM: Rio- Medellín- Puebla- Santo Domingo*, São Paulo: Paulus, 1993.

FLORISTÁN, Cassiano. Evangelização/Nova Evangelização. In: *Dicionário de conceitos fundamentais do cristianismo* [dirigido por Cassiano Floristán Samanes e Juan José Tamayo-Acosta]. São Paulo: Paulus, 1999.

MOTA, Glaucio Luiz. DOCUMENTO DA CNBB SOBRE OS JOVENS: evangelização da juventude – desafios e perspectivas pastorais. In: *Pistis & Praxis*, Teologia Pastoral., Curitiba, v. 1, n. 1, p. 231-242, jan./jun. 2009.

PAPA FRANCISCO. *Exortação apostólica Evangelii Gaudium* .2013.

_____. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SBARDELOTTI, Emerson. ESTUDOS DA CNBB 44 – pastoral da juventude no Brasil: memória, compromisso e atualização trinta anos depois! In: *Espaço Teológico*. Vol. 11, n. 19, jan/jun, 2017, p. 71-84.

SZENTMÁRTONI, Mihály. *Introdução à Teologia Pastoral*. São Paulo: Loyola, 1999.

Vaticano II, *Compêndio do Vaticano II: constituições, decretos, declarações*. 29. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.